

Família indígena vive o abandono

¹⁹⁹⁰ Dizendo já ter procurado a Funai, Fbosp, Prefeitura e Governo do Estado, o índio Kauí Takira Karajá está há quinze dias vivendo na Praça Dom Pedro II, "à espera da providência de manitu" para poder viajar para o Estado de Goiás. Acompanhado de sua mulher Durvalina Carvalho Carajás, e de seu filho Renato, de 5 anos, Kauí vive em paz, sem mexer com ninguém.

Não fosse o movimento do povo, o barulho dos carros e a falta de alimento poder-se-ia dizer que a família vive segundo os costumes indígenas. Não há tenda, mas os objetos estão guardados em caixas de madeira, e Kauí senta ao lado do filho enquanto a panela que também não é de barro - ferve com os restos de legumes e pedaços de peixes colhidos no Ver-o-Peso, onde também recolhem água para o preparo da comida e o quase inexistente asseio.

Ele assegura que é membro da tribo dos Karajás, e que aprendeu a falar o português, embora que precariamente, na escola da Funai, em Brasília, onde conheceu a mulher, Kauí, veio para Belém, depois foi para Manaus, e retornou há quase um mês, formando seu habitat na praça Dom Pedro II, há cerca de 15 dias. Para as via-



Sem ajuda, esperam acampados na praça

gens sempre contou com o apoio da Funai, que agora, de acordo com as palavras do

casal, parece indisposta a oferecer novo auxílio. Kauí foi agredido recentemente

por ladrões que levaram seus documentos e grande parte das vestes, deixando-o apenas com uma bermuda e uma camisa.

Visivelmente embriagado, o índio perguntou: "você já viu um índio não beber? A cachaça e fumo são costumes dos índios. Com um bilhete do vereador Adamor Filho à diretora da Fbosp, a família afirma que não pôde contar com o apoio da instituição, o mesmo acontecendo em relação à Funai, Prefeitura e Governo do Estado, todos usando a argumentação de falta de recursos. Durvalina é baiana e fala inglês, espanhol e o idioma de seu marido, além do português. Sem constrangimento, ela disse que na juventude, foi prostituta, mas que agora é uma mulher comum que quer trabalhar. E concluiu que a vida foi quem lhe ensinou tudo isso, "a vida ensina tudo, basta um pouco de escola".

Kauí quer ir para Goiás, e de lá voltar para sua tribo, mas Durvalina já assegurou que não vai com ele, quer encontrar uma fazenda para trabalhar ou lavar roupa. Eles aguardam ajuda de qualquer pessoa para concretizar seu intento, pois não querem passar o dia do Círio onde estão, principalmente porque, se ali estiverem, serão arrastados pela multidão. Enquanto isso, ficam expostos ao tempo dormindo no chão.

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

W. P. Leal

Class.:

139

Data:

10/10/81

Pg.: